

LEITURA E PRODUÇÃO TEXTUAL NO ENSINO FUNDAMENTAL

Magna Andrizze de Araújo Moura; Andréa Cavalcante Monteiro Alves

Universidade Estadual da Paraíba

magnaandrizze@hotmail.com

professoracavalcante@hotmail.com

Resumo: Na rotina diária escolar percebemos o quanto os nossos alunos estão se distanciando do hábito da leitura de textos literários e conseqüentemente das produções escritas, o que resulta em textos incoerentes e superficiais. Por ser a língua um fator social, sua produção acontece no cotidiano. Nesse sentido, o texto escrito passa a ser um reflexo da fala, tendo em sua estrutura as marcas da oralidade. O presente trabalho intitulado Leitura e Produção Textual no Ensino Fundamental visa analisar a importância de atividades que estimulem a leitura e a produção textual oral e escrita no cotidiano escolar. O interesse pelo tema deu-se pela necessidade de provocar uma reflexão de como o essas habilidades têm sido trabalhadas e de como a escola pode proporcionar variadas aprendizagens através da leitura e produção textual, assim como, investigar algumas dessas variações e de como o indivíduo utiliza a linguagem como forma de interação. Para o desenvolvimento desse estudo será aplicado uma atividade em sala de aula contemplando as habilidades já mencionadas e uma pesquisa qualitativa em literatura condizente com o tema buscando respaldo teórico a partir das considerações de Koch e Elias (2006), Marcuschi (2008), Bakhtin (1992), Cagliari (2009) entre outros. Sendo assim, podemos concluir as análises desse estudo como satisfatórias e importantes para o entendimento, a compreensão e a participação dos alunos nas aulas de leitura e produção textual oral e escrita, criando um ambiente que facilite o acesso aos livros e à leitura.

Palavras-chave: Leitura, Escrita, Interação, Aprendizagens, Ensino.

ABSTRACT

In the daily school routine we realize how much our students are distancing themselves from the habit of reading literary texts and consequently from written productions, which results in incoherent and superficial texts. Because language is a social factor, its production happens in everyday life. In this sense, the written text becomes a reflection of speech, having in its structure the marks of orality. The present work entitled Reading and Textual Production in Elementary School aims to analyze the importance of activities that stimulate reading and oral and written textual production in school everyday. The interest in the theme was due to the need to provoke a reflection on how these skills have been worked out and how the school can provide varied learning through reading and textual production, as well as investigate some of these variations and how the individual uses language as a form of interaction. For the development of this study will be applied a classroom activity contemplating the skills already mentioned and a qualitative research in literature consistent with the theme seeking theoretical support from the considerations of Koch and Elias (2006), Marcuschi (2008), Bakhtin (1992), Cagliari (2009) and others. Thus, we can conclude the analyzes of this study as satisfactory and important for the students' understanding, understanding and participation in reading and writing oral and written classes, creating an environment that facilitates access to books and reading.

Keywords: Reading, Writing, Interaction, Learning, Teaching.

INTRODUÇÃO

Trabalhar com textos em sala de aula nem sempre é uma atividade fácil. Estamos vivenciando uma época em que os alunos não querem praticar leituras literárias e por uma razão bastante simples, não sentem prazer em tal ato. Por mais que se explique a importância da leitura, encontramos barreiras ao sugerirmos a atividade mesmo que em variados gêneros. E o que podemos fazer para mudar essa situação? Que meios e que instrumentos podem ser levados à sala de aula para que o alunado (re) descubra a importância da leitura e quão prazerosa ela pode ser?

Para respondermos tais questionamentos, é necessário antes de qualquer coisa, conhecer os alunos. E não de forma superficial. É preciso conhecer seu meio social, suas vivências na comunidade, no âmbito familiar, e o mais importante, permitir que eles também conheçam os professores e que possam observar o hábito da leitura na vida dos docentes.

A leitura é desenvolvida a partir de textos variados nas diversas disciplinas escolares, não sendo apenas uma prática em Língua Portuguesa. É uma atividade social e que acontece dentro e fora dos muros da escola e de formas variadas. Por ser a língua um fator social, sua produção acontece no cotidiano, pois é expressão da vida humana localizada no tempo e no espaço. Nesse sentido, o texto escrito passa a ser um reflexo da fala, tendo em sua estrutura as marcas da oralidade. Na sala de aula, a fala e a escrita são muitas vezes inseparáveis, tendo as produções de textos escritos, as marcas de dialetos e variações da língua, apresentadas a partir das mais diversas regiões, de fatores socioeconômicos e pela idade.

O presente trabalho pretende investigar algumas dessas variações e como o indivíduo utiliza a linguagem como forma de interação, levando-se em conta o contexto da produção e a participação dos interlocutores, como sujeitos do discurso que se produz através de produção textual.

Para tanto, este artigo subdivide-se em três seções além da parte introdutória. Na primeira seção, apresentaremos as atividades a serem desenvolvidas por alunos do 7º ano em uma escola pública do município de Araruna – PB. A seguir, na segunda seção, trataremos da análise das produções textuais, como a fala interfere na escrita e como podemos observar as relações de ensino e de aprendizagem através da interação social no âmbito escolar e apresentaremos os resultados obtidos das análises. Na terceira e última seção, finalizaremos o artigo com breves considerações.

1. A LEITURA E A PRODUÇÃO TEXTUAL COMO ATIVIDADES INICIAIS

A leitura é um fator de muita importância para o desenvolvimento intelectual do indivíduo. Através dela podemos compreender o mundo por diferentes pontos de vista, formar opiniões, conhecer as ideias de outras pessoas, viver e conviver. A leitura não se dá apenas através de palavras, mas sim, de momentos, de imagens e situações variadas. Ela não começa na escola. Tem seu início quando o indivíduo começa a reconhecer o mundo e o espaço em que vive. A escola proporciona a aprendizagem de uma dessas formas: a leitura através de palavras. No entanto, sem deixar de lado o conhecimento que cada um traz em si. “Lendo, estamos apostando na construção de nós mesmos, e, por conseguinte, também da nossa expressão verbal e escrita”. (PERISSE, 2002, p. 24).

Para Cagliari (2009 p.131), “a leitura é a realização do objeto da escrita. Quem escreve, escreve para ser lido”. O descobrimento das palavras através de códigos escritos fascina os nossos alunos. Escrever e permitir que outras pessoas tenham acesso ao que antes estava apenas em forma de ideia, guardada na cabeça de

alguém, nos dá a sensação de infinitas possibilidades. E a leitura tem esse encantamento, esse poder. No entanto, isso só se torna possível, se o leitor for capaz de compreender o que leu. Para que essa compreensão aconteça, faz-se necessário decifrar a escrita, decodificar e refletir sobre o que foi lido.

A educação atual tem enfrentado grandes problemas com relação ao desenvolvimento da habilidade de leitura. Os nossos alunos estão cada dia mais lendo menos textos literários, livros paradidáticos indicados pelos professores, mesmo sendo de forma combinada e escolhida pelos próprios alunos. Esse é um problema que interfere diretamente na vida escolar, social e cultural dos mesmos.

Então, o que pode ser feito para mudarmos essa realidade? Será que despejar textos e exigir que os alunos leiam como um caráter obrigatório e passivo de penalidade vai resolver essa questão? Obviamente que não. Poderemos formar com essa atitude, apenas um decifrador de códigos. Sem compreensão, sem reflexão.

Não é uma tarefa fácil despertar nos nossos alunos, hoje em dia, o hábito da leitura, não essa leitura solta e sem significado, mas a leitura prazerosa, a que estimula ideias e possibilita a aprendizagem.

O trabalho com leitura tem como finalidade a formação de leitores competentes e, conseqüentemente a formação de escritores competentes, pois a possibilidade de produzir textos eficazes tem sua origem na prática de leitura, espaço de construção da intertextualidade e fonte de referências modelizadoras. A leitura, por um lado, nos fornece matéria-prima para escrita: o que escrever. Por outro, contribui para a constituição de modelos: como escrever. (PCNs, 1997 : 53).

Nessa perspectiva, e observando a necessidade de mudar a realidade dos nossos alunos enquanto decifradores de códigos apenas, apresentaremos neste trabalho um estudo que será desenvolvido na Escola Municipal de Ensino Fundamental Joana Maria da Conceição – Zona rural do município de Araruna – PB com alunos do 7º ano, com o intuito de possibilitar a formação de leitores críticos e conscientes da importância da leitura na vida escolar e social.

A leitura expande a mente para além do texto escrito, promove um enriquecimento do senso crítico e conhecimentos diversos, além de facilitar a compreensão do funcionamento, finalidade e características dos gêneros textuais. É no ato de ler e compreender um texto, que podemos participar ativamente como cidadão e aprender a comunicar-se de forma mais precisa. Nesta perspectiva e de acordo com Koch e Elias (2006, p. 11), “o sentido de um texto é construído na interação texto-sujeitos e não algo que preexista a essa interação”.

Para o desenvolvimento da atividade, será entregue a cada aluno um material didático preparado contendo o conto “O Negrinho do Pastoreio” de Heloísa Prieto e uma folha para a produção textual escrita. Esse gênero textual foi escolhido devido à comemoração do folclore brasileiro.

Na aula de Língua Portuguesa, a professora explicará para os alunos o que é uma lenda folclórica e que a atividade que será desenvolvida necessita de muita atenção. O primeiro passo é fazer a leitura da história. Então, será solicitado que a turma faça silêncio e iniciem uma leitura individual e silenciosa. Após essa leitura, a professora a refaz de forma oral para que os alunos possam agora ouvir o que antes eles tinham lido silenciosamente.

Segundo Teberosky & Colomer,

Ao escutar as leituras, as crianças aprendem que a linguagem escrita pode ser reproduzida, repetida, citada e comentada. “Interagir com textos escritos, através da mediação do adulto que lê em voz alta, é um processo de aprendizagem novo para a criança, é adentrar-se em território desconhecido para explorar novas

formas de linguagem”. (TEBERSKY & COLOMER, 2003, p. 137).

Ao terminar a leitura, a professora fará alguns questionamentos com relação ao texto (que tipo de texto eles tinham lido e quais os elementos - tempo, lugar, clímax, desfecho - apontados no texto que indica essa tipologia? quem era a personagem principal? Qual a finalidade do texto?) para se certificar de que os alunos o tenham compreendido bem. Na aula seguinte, a professora retomará a atividade de compreensão com uma atividade escrita sobre o conto do Negrinho do Pastoreio.

A professora irá propor que os alunos assumam a posição de narrador e produzam um conto, contem uma história narrativa em terceira pessoa, na qual o narrador é um narrador personagem. Será explicado para os alunos que é com a leitura que o processo de escrita se enriquece, pois não podemos separar leitura e escrita, visto que, uma atividade depende da outra, pois com a leitura cria-se a intimidade com a língua escrita a fim de facilitar e ordenar as estruturas da escrita. Então, eles poderão começar. A imaginação será livre, mas eles devem usar os elementos estudados (personagens tempo, espaço, enredo, clímax e desfecho). Não haverá pressa. A produção textual escrita começará nesta aula, mas se caso não houver tempo de terminá-la, eles poderão concluir em casa e entregarão na próxima aula. Será explicado também que o objetivo desta atividade é causar uma intimidade com o processo de escrita e que são necessários mais estudos e pesquisas sobre o gênero conto e que ainda serão abordados ao longo do ano letivo.

2. A FALA E A ESCRITA: INTERFERÊNCIA E INTERAÇÃO NO AMBITO ESCOLAR

De acordo com Bakhtin (1992, p. 280) “todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão relacionadas com a utilização da língua”. Ao trabalharmos com textos, possibilitamos situações variadas de uso da língua. Sabemos que tanto a fala como a escrita servem à interação verbal e são utilizadas em diferentes gêneros, em diferentes variáveis e registros que caracterizam os usos da linguagem.

A oralidade deve ser avaliada progressivamente, devendo-se considerar: a participação individual do aluno, a sua exposição de ideias de modo claro, a fluência de sua fala, a participação organizada, o seu desembaraço, as suas contribuições e, principalmente, a consistência argumentativa de sua fala, mesmo que e principalmente, não esteja obedecendo a uma regra padronizada, culta. Deve-se levar em consideração sua linguagem “natural”.

Nessa perspectiva, a análise dos textos produzidos na seção anterior não terá caráter classificatório em certo ou errado, o que está seguindo a norma padrão da língua ou não. Apenas serão analisados como resultado de uma expressão natural, uma produção escrita, na qual o aluno utilizou os signos escritos para dar vida ao seu imaginário. Com isso, não descartaremos a importância de se trabalhar em outra atividade e em outro momento os desvios encontrados e as possíveis formas de apresentar a norma padrão da língua, visto que, essa é uma das obrigações do ensino da língua portuguesa.

À medida que os textos serão analisados, poderemos constatar que os alunos trazem em seu discurso escrito, as mesmas expressões usadas em seu discurso oral. Palavras como: “pro mode”, “veve”, e “avoar” são exemplos de expressões oriundas da fala e que fazem parte do vocabulário local e que são trazidas para as construções escritas.

Observaremos ainda, alguns desvios da língua padrão, mas que não serão levados em conta nesse momento, visto que, não é o objetivo desse estudo.

A produção textual escrita desenvolvida em sala de aula possibilitará aos alunos uma condição de criação, de liberdade ao se expressar e ao mesmo tempo de aproximação com a língua. Atividades como esta leva em consideração o conhecimento que cada um tem de como eles podem usar a língua para se comunicar. É preciso compreender o texto em sua totalidade, em função de um todo. No entanto, a relevância dos saberes, nesta atividade, é de outra ordem, se afirma pela função que esses saberes têm na determinação dos possíveis sentidos previstos para o texto.

Para Marcuschi,

Compreender exige habilidade, interação e trabalho. Na realidade, sempre que ouvimos alguém ou lemos um texto, entendemos algo, mas nem, sempre essa compreensão é bem sucedida. Compreender não é uma ação apenas linguística ou cognitiva. É muito mais uma forma de inserção no mundo e um modo de agir sobre o mundo na relação com o outro dentro de uma cultura e uma sociedade. (Marcuschi, 2008, p.230).

É importante ressaltar que no ensino fundamental, a exploração da terminologia gramatical não merece posição de destaque, pois esse é o momento dos primeiros contatos do indivíduo com a reflexão sobre a faculdade da linguagem.

Ao desenvolvermos esse trabalho, pudemos observar através dos recursos utilizados e na análise dos resultados que, ao apresentar o texto à turma, a professora introduziu em sua aula, as concepções de língua e de leitura apresentada no livro Ler e compreender: os sentidos do texto de Koch e Elias. A primeira concepção é a de língua como representação do pensamento, em que o receptor (no caso, os alunos) não constrói um pensamento próprio da leitura, apenas absorve o que foi proposto pela autora do texto, sem modifica-lo. Na segunda concepção, o leitor é um sujeito “assujeitado”, os alunos conhecem e assimilam as informações contidas no texto, no entanto, não há espaço para indagações, questionamentos ou ainda, formação de opinião. A terceira concepção é a dialógica, que permite a interação do leitor, ou seja, a participação ativa na produção de sentido do texto. Embora essa concepção não tenha sido explorada no texto trabalhado em sala, a professora através do diálogo e da compreensão do texto pelos alunos, permitiu ainda que de forma superficial, a produção de ideias, a solução para o conflito apresentado no conto e a interação entre alunos/texto e entre alunos/alunos, dando assim significação e entendimento da história apresentada.

De acordo com Koch e Elias,

Considerar o leitor e seus conhecimentos e que esses conhecimentos são diferentes de um leitor para o outro implica aceitar uma pluralidade de leituras e de sentidos em relação a um mesmo texto. (Koch e Elias, 2006, p.21).

Na concepção interacionista, a leitura é entendida como um processo de produção que se dá a partir da relação dialógica entre dois sujeitos – o autor do texto e o leitor. É nessa dimensão dialógica, discursiva que a leitura deve ser experienciada, como um ato social em que autor e leitor participam de um processo interativo no qual o primeiro escreve para ser entendido pelo segundo.

Sendo assim, podemos concluir as análises desse estudo como satisfatórias e importantes para o entendimento, a compreensão e a participação dos alunos nas aulas de leitura e produção textual oral e escrita, visto que, um dos objetivos deste trabalho é despertar no alunado o gosto pela leitura, criando um ambiente que facilite o acesso aos livros e à leitura, tornando-a satisfatória e prazerosa e possibilitando o interesse e a busca por outras leituras, estimulando a imaginação, os sonhos e dando asas à fantasia. No entanto, para que esse gosto pela leitura aconteça é imprescindível que o professor disponibilize

livros de gêneros variados e atividades no cotidiano escolar dos seus alunos, para que os mesmos possam compartilhar e vivenciar experiências dentro e fora da escola, com seus colegas de turma, na comunidade em que vivem e em suas casas com os familiares.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A importância de se trabalhar com leitura e produção textual em sala de aula torna-se a cada dia, mais significativa e necessária no processo de ensino e aprendizagem. As discussões propostas a partir de temas que fazem parte do cotidiano dos alunos torna a aula mais atraente e participativa. A oralidade e a escrita se inter-relacionam e passam a fazer parte de um mesmo contexto.

Quando os alunos têm acesso à leitura e através desta, a forma padrão da língua, eles podem fazer uma ponte entre a forma falada e a forma escrita, não como certa ou errada, mas como possibilidades, permitidas, ainda que, na fala as múltiplas variações e, que, na escrita dependendo da ocasião, não seriam aceitas.

Acreditamos que a atividade proposta com os alunos neste trabalho será bastante significativa, pois as etapas serão concluídas e analisadas de forma positiva, na qual almejaremos alcançar os objetivos propostos. É claro e notório que muitas atividades envolvendo leitura e escrita são necessárias para transformar nossos alunos em leitores/escritores e poder explicitar para os mesmos a importância do contato com a nossa língua nos gêneros textuais variados, pois é através da língua e das várias formas de linguagem que nos comunicamos, aprendemos e compartilhamos saberes com os demais.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

CAGLIARI, Luiz Carlos. Alfabetização e linguística. São Paulo: Scipione, 2009.

KOCH, Ingedore V.; ELIAS, Vanda Maria. Ler e compreender: os sentidos do texto. São Paulo: Contexto, 2006.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Produção textual, análise de gêneros e compreensão. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MEC/ SEF – Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos de ensino fundamental: língua portuguesa. Brasília, 1997, volumes 1 e 2.

PERISSE, Gabriel. Entrevista. Tantas palavras. 2002. Disponível em http://www.tantaspalavras.com.br/gabriel_perisse.php. Acesso em: 30 de maio 2007.

TEBEROSKY, Ana; COLOMER, Teresa. Aprender a ler e a escrever: uma proposta construtivista. Porto Alegre, Artmed. 2003.